



ISCTE EXECUTIVE EDUCATION A ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

É uma tendência incontornável, com impacto na actividade das empresas e na tomada de decisões. A inteligência artificial está, por isso, presente em todos os programas de executivos do IEE.

A “Inteligência Artificial (IA) é para todos e deve estar em todos os programas”. É assim que o presidente da Comissão Executiva do Iscte Executive Education (IEE), José Crespo de Carvalho, explica como a IA está a ser integrada nas formações. O objectivo é que todos possam beneficiar com a ferramenta. “Podemos dizer que quer formações inteiras em IA (abertas ou fechadas para empresas), quer fundamentos de IA estão a ser introduzidos em todos os programas”, diz José Crespo de Carvalho.

As formações do IEE procuram, assim, acompanhar as potencialidades da IA e manter os profissionais actualizados, abordando-se aspectos que vão desde os fundamentos da IA – “compreensão sólida dos conceitos de IA, tais como aprendem as máquinas, redes neurais, algoritmos de IA e suas aplicações” – até às componentes éticas, aplicações práticas. Em certas formações há espaço para a programação e linguagens de programação relevantes para IA como *Python*, por exemplo, ou bibliotecas e *frameworks* de IA como *TensorFlow* ou *PyTorch*. Os programas colocam o foco na interdisciplinaridade, dotando os alunos de conhecimentos sobre *self-service* IA e bots para que usando *prompt en-*

gineering “se possam solucionar questões que tenham a ver com melhores modelos de negócio e eficiência operacional, mas também segurança cibernética e colaborações internacionais”.

São exemplos de temas abordados, com os quais, associados a competências humanas – esforço, dedicação, empenho, *drive*, foco, humanismo, proximidade, entreajuda, respeito pelo próximo, integração, inclusão – “estaremos a dar um passo decisivo em frente”, explica o responsável.

IEE entre os melhores da Europa e do mundo

Comum a todos os programas é o nível de excelência, com o IEE a surgir no *ranking* do *Financial Times* entre os melhores da Europa e do mundo. “Em Portugal somos a número 1 quando combinamos a diversidade de origens dos participantes internacionais e o seu número. E nesta matéria o 14.º a nível mundial. Para uma operação de formação de executivos que quer internacionalizar não podia haver melhor reconhecimento”, nota o professor, acrescentando que estas distinções são consequência “do trabalho, do esforço e da entrega” de todos. “[É o] resultado da

participação de um corpo docente ímpar, de um *staff* incrível e, acima de tudo, participantes espectaculares e que acreditam em nós e nos nossos valores: do *hands-on*, do *real life learning* ao humanismo, proximidade, inclusão, profundo respeito pelo ser humano”, remata José Crespo de Carvalho. O responsável assinala, no entanto, que estas distinções não são um fim em si mesmas. “Como tenho dito várias vezes, os *rankings* são um meio, não um fim. Ajudam a posicionar e a reconhecer o trabalho feito. Mas não são um fim.”

Ainda assim, “estar nos *rankings* principais, seja *Financial Times*, ou *QS*, que contam para efeitos de formação de executivos, é claramente importante. É uma chancela”, reconhece José Crespo de Carvalho, realçando que no *ranking QS*, o Executive MBA está no top 50 há três anos consecutivos. “Isto em termos internacionais é determinante”, refere. Estas distinções alinham, aliás, com a aposta do IEE na internacionalização.

“Inteligência Artificial é para todos e deve estar em todos os programas”



José Crespo de Carvalho,
presidente da Comissão Executiva
do Iscte Executive Education

Num mercado como o nacional, internacionalizar é crucial. “Portugal enfrenta um desafio demográfico com o envelhecimento da população e uma pirâmide etária desequilibrada. Isto significa que há uma escassez de talentos jovens, outros já mais amadurecidos e qualificados, no mercado interno”, explica. Ao mesmo tempo, sen-

do Portugal um mercado pequeno quando comparado com outros, também para as empresas “a expansão internacional oferece oportunidades de crescimento significativas”. Nesse sentido, “ter executivos bem formados e familiarizados com os mercados globais é essencial para aproveitar essas oportunidades”.

Em suma, “a internacionalização da formação de executivos é uma prioridade” do IEE: “Ajuda a mitigar desafios demográficos, aumenta a capacidade de atrair talentos e impulsiona o crescimento global das empresas portuguesas para outros mercados. Em paralelo, cria um ambiente multicultural onde os ganhos são elevadíssimos para todos.”

Novos programas para executivos

O Iscte Executive Education conta agora com novos programas para executivos. O Mestrado em Gestão Aplicada para a Escola de Gestão e o Mestrado em Tecnologias Digitais para o Negócio para a Escola de Engenharia do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa têm a particularidade de durar só um ano.

“O *time-to-market* deve ser cada vez mais curto na medida em que ao longo da vida se pode – e deve – fazer mais do que um mestrado e programas de executivos. É normal, portanto, que esta tendência seja transversal para todos”, justifica José Crespo de Carvalho.

Time-to-market curto, actualização e ganho de competências pelo lado mais aplicacional são algumas das mais-valias destas formações. Além destes aspectos, junta-se, “claro está, a possibilidade de ter um investimento com um *payback* rápido garantido”, conclui o professor.

ID: 107384637

29-09-2023 | EXECUTIVOS

